D. ANTONIO ALVES MARTINS

TRAÇOS DA SUA VIDA

Conferencia realizada em 18-2-1933, no Gremio Alberto Sampaio, pelo Ex.mo Sr. Dr. JOSÉ AUGUSTO PEREIRA

VISEU

Comp, imp.
Tip Popular

Viseu
1933

D. ANTONIO ALVES MARTINS

TRAÇOS DA SUA VIDA

Conferencia realizada em 18-2-1933,
no Gremio Alberto Sampaio, pelo
Ex.^mo Sr. Dr. JOSÉ AUGUSTO PEREIRA

Monumento ao Bispo Alves Martins

(Cliché, cedido pela Comissão de Iniciativa e Turismo de Viseu)

D. Antonio Alves Martins

TRAÇOS DA SUA VIDA

Relembrar a vida dos que passaram, quando dela se colham salutares exemplos de civismo, é tarefa que não cança e dá satisfação à consciencia de quem a seu cargo a toma.

Neste propósito e por satisfazer ao convite que me foi feito pela Direcção do Grémio Alberto Sampaio, venho, numa despretenciosa palestra, apresentar-vos, tanto quanto possivel fiel, o retrato do grande português, que há 125 anos veiu ao mundo, para glória da Patria, que tanto soube amar, e que foi, na fráse dum escritor célebre :—«aquilo que nós outros, chamamos - *um Homem*„.

São três os traços caracteristicos de D. Antonio Alves Martins e sob esses três aspectos é necessario estudá-lo :—como *padre*;—como *politico liberal*; e como *estadista*.

Nasceu em 18 de Fevereiro de 1808, (faz hoje precisamente 125 anos), na Granja de Alijó, e, por aceder

aos desejos de seus pais, José Alves Martins e Bernarda Pereira, agricultores, do referido lugar, entrou, aos 16 anos, no Convento da Ordem 3.ª de S. Francisco, para, um ano depois, a 25 de Maio de 1825, vestir o hábito de professo.

Em Outubro de 1826, matriculou-se no Colégio das Artes, em Coimbra, com o propósito de seguir o Curso Universitário, freqüentando, alternadamente, as aulas de matematica e teologia. Assim, Alves Martins, foi Frade, Doutor em Teologia, Professor, Cónego da Sé Patriarcal de Lisboa, Enfermeiro do Hospital de S. José, Deputado em várias legislaturas, Orador sagrado e Panfeletario, Estadista e Bispo do Sé de Viseu, onde, solenemente, fez a sua entrada em 29 de Janeiro de 1863.

E' com as suas próprias palavras, que eu vou traçar o caracter de Alves Martins:

O Padre

Na saudação apostólica, dirigida aos fieis da sua Diocese disse, em 31 de Janeiro de 1863:

...«O verdadeiro cura d'almas é um ente privilegiado na gerarquia eclesiastica, e, por isso os dotes que devem enobrecer este caracter tão respeitavel, são todos excepcionais. As funções que exerce são tão sagradas, exige-se d'ele tal compostura de costumes e um proceder tão exemplar, que não há mister crimes ou delitos, para se impossibilitar a sua missão; bastam pequenas faltas para se inutilisar o sal lançado à terra, e impalidecer a luz que deve brilhar entre os seus fregueses...

...Se todo o clero se compenetrasse da sua alta

missão, se não faltar ao que deve a si, a Deus, e aos homens, ninguem duvide de que, os mais fieis serão bons cristãos e perfeitos cidadãos.»

Na pastoral de 28 de Setembro afirma que

...«não se convertem os incrédulos por meio da fôrça, nem por ela os crentes deixam de apartar-se do grémio da santa igreja. O Divino Mestre, mandou-nos prégar às gentes e não coagi-las para que aceitassem a sua doutrina...

Não ousemos lembrar-nos de coacção imposta aos contrários, debaixo de qualquer fórma que seja; por quanto, por semilhante traça, obteriamos vitória cérta, mas nunca o convencimento, desnaturalisando-se a nossa augusta missão, e ficando exautorada a santidade da nossa crença.

A nossa religião é toda de paz; e, por isso, das cadeiras da verdade, jámais se deve semear o ódio aos nossos contrários; guerra ao êrro, e só ao erro, desviando-nos de aceradas imprecações contra os homens que não pensam como nós pensamos, aliaz desmentiremos a indole da nossa missão sagrada.»

E na pastoral de 4 de Janeiro de 1875, falando para os párocos, assim se exprime:

...«não cessem de recomendar a seus fregueses a urgente necessidade de mandarem seus filhos à escola. Lembrem-lhes que os pequenos serviços de que se privam, durante o tempo que os meninos freqüentam a escola, ficarão sobejamente compensados com a instrução que recebem, e a educação adquirida.

...«Façam repetidas recomendações a todos os pais de familia, para que levem seus filhos a vacinar...»

«Ensinar os que erram, desvanecer preconceitos, desarreigar prejuisos e destruir repugnancias que os povos tenham em aceitar os conselhos da sciencia e os cuidados das autoridades, em beneficio comum, é tambem caridade...»

"A RELIGIÃO DEVE SER
COMO O SAL NA COMIDA...„

Não necessito comentar todos estes salutares conselhos porque, tais como aí ficam expostos, na sua máxima singeleza, revelam-nos o apóstolo prégando e ensinando as doutrinas puras do cristianismo, a alma caridosa, despida de todos os preconceitos, refulgindo à luz clara do Bem em anseios de liberdade.

Para ele—«a Religião deve ser como o sal na comida; nem muito, nem pouco, só o preciso» condenando, por esta fórma, franca, leal e abertamente, o fanatismo religioso, que tanto mal tem acarretado, através dos séculos, à Igreja e à Humanidade.

O Bispo de Viseu, como muito bem disse o falecido Trindade Coelho, éra católico e apostólico, mas não *ultramontano.*

E' que ele sabia harmonisar os seus sentimentos e as suas crenças religiosas com a liberdade.

Os bispos, e em geral o clero, téem como inconciliavel o espirito das doutrinas do catolicismo com a liberdade.

Para se merecer o titulo de "*Bom católico*„, disse o Director do *Veneto Católico*, no Congresso de Bergamo, em 1878;

...“não basta observar por grosso os preceitos de Deus e da Igreja, mas é necessário que o espirito de obediencia à Igreja, se tenha compenetrado do nosso sangue e na medula dos nossos ossos.

A elogiada liberdade moderna, é sómente o desencadeamento do orgulho humano, que pretende colocar-se acima d'Aquele que, por Deus, foi posto como pastor das nossas almas.

A nossa obra, tende, principalmente, a reconduzir os povos à obediencia da Igreja... nós queremos a obediencia de todos e até da sociedade civil, às leis da Igreja... e a nossa obediencia ao Papa, deve consistir não só no seguir com promptidão os seus mandatos, mas tambem em uniformisar o nosso pensamento com o seu, as suas com as nossas aspirações...„

Por outro lado, o jornal católico *Bem Público,* de 4 de Fevereiro de 1871, abertamente declara que

“Entre o liberal e o católico, há um verdadeiro abismo.„

E'ra essa, aliaz, a doutrina prégada ao mundo católico pelo Papa Pio IX nas suas incíclicas, no *Sylabus,* onde se lê:—“*anattema sit,* aquele que disser que o Pontifice romano póde e deve reconciliar-se *com o progresso,* o *liberalismo* e a *civilisação moderna.„*

O espirito esclarecido e recto de D. Antonio Alves Martins, de modo algum podia ajustar-se a semilhante doutrina; e por isso se afirma que ele disse:

"Na minha diocese quero padres para amarem a Deus na pessoa do próximo; não quero jesuitas que vivam de explorar o próximo em nome de Deus.„

Da sua caridade, como padre, disse Antonio Enes:

"E'ra mais prelado nos albergues da indigencia, do que na Cathedral faustosa, e, em vez de andar com a mão erguida a espalhar orgulhos, occultava-a para espalhar esmolas... Como, para ele, a religião éra uma moral e não uma etiqueta, e pois que quem ama o próximo, promove o bem da sociedade, o bispo de Viseu, saiu do templo, sem todavia sair do sacerdocio... sabia respeitar Deus na liberdade do pensamento e da consciencia humana e relia a meúdo, em sua biblia, o dar a Cezar o que é de Cezar.

Engrandeceu-se sem baixesas, mandou sem orgulho, e a sua carreira, tendo passado pelos mais altos cargos da Igreja e do Estado, acabou onde tinha começado, na pobreza.„

Carneiro de Moura, refere-se-lhe nestes termos:

"...foi um homem tenaz, inteligente, duma nobreza de caracter intangivel, capaz de sacrificar o seu bem estar, ao bem geral.

E o Conde de Samodães, afirma:

..."teve um grande caracter, amor ardente da patria e um coração cheio de bondade.„

Traços da sua vida

"PARA DESCANSO ETERNO DE UMA ALMA, BASTA A CONSCIENCIA DE UMA CONVICÇÃO."

Meus senhores :

Em 5 de Fevereiro de 1908, escrevi estas palavras, que ora reproduso :

> "*O Bispo de Viseu, nasceu com a aurora das mais belas virtudes civicas e, por isso, na rispidez do seu ar de valente soldado, havia sorrisos e lampejos de uma caridade sem limites, que, evangelicamente, distribuia pelos desprotegidos, enxugando lágrimas de orfãos, calando suspiros de viuvez e sufocando, consoladoramente, gritos desesperados de tantas bocas pequenas clamando pão.*"

E' que Alves Martins, foi *um Padre*, na rigorosa acepção sacerdotal. No seu Seminario manteve, como professor e vice-Reitor, a Henrique Tavares Ribeiro da Silva, mais tarde abade de Pinho, apesar de o saber maçon. Foi o verdadeiro discipulo de Cristo ; foi o escrupuloso executor da pureza duma doutrina que teve por báse o amor e o desinteresse, elevados ao máximo sacrificio pelo triunfo cérto da Justiça e do Bem da Humanidade.

Nunca dele se abeirou um fraco, que o não amparasse, nem um pobre, que o não socorresse ; e por isso os pobres e os humildes o choraram com funda e sentida saúdade, na hora lúgrebe do seu passamento.

Os pobres só choram pelos bons.

Foi há 51 anos. Eu éra, ao tempo, um rapaz, vivendo os sonhos da mocidade, essa quadra da existencia, febril, irrequieta e quási sempre descuidada para tantos, dos acontecimentos da vida; mas ficou-me bem gravada, na memoria, a grandiosidade dêsse fúnebre cortejo.

A cidade de Viseu, em pêso, abandonou as suas casas para acompanhar, num religioso respeito, ao cemitério, o seu Bispo, mostrando assim quanto ele fôra amado por todos.

Por todos? Perdão; não digo a verdade completa, porque, entre os da sua classse, teve inimigos, que nem perante a morte deixaram de manifestar a ruindade de seus sentimentos e propósitos.

Conta Ramalho Ortigão que:

> *"os diversos bispos sucessivamente convidados a dizer missa celebrada por alma do bispo de Viseu, recusaram-se, segundo consta, a oficiar com tal intenção, fazendo parede para esse fim. Se o bispo de Bragança, de todos o mais débil e o mais doente, se não houvesse prestado, à ultima hora, não haveria prelado para encomendar a Deus a alma do falecido chefe da Igreja Visiense...*
>
> *Os srs. prelados que não quiseram resar por ele, andaram sabiamente, porque o ultimo dos bispos de Viseu, foi, no mundo, alguma coisa diversa do que se chama um confrade de suas excelencias; foi aquilo que nós outros, no século, chamamos*—**um Homem**.
>
> *Tinha um temperamento humano e não um temperamento de sacristia. Soube consolar e sou-*

be resistir; soube sacrificar-se pelas suas ideias, lutando e batendo-se por elas, sempre que isso lhe foi preciso, já com uma pena na mão, já com uma escopêta ao ombro.

Se a bemaventurança não é uma compadrice indigna, em que os padres empregam os seus afilhados lá em cima... Antonio Alves Martins, não precisou de empenhos de bispos para lá entrar. Para o descanço eterno de uma alma, basta a consciencia de uma convicção.„

O Bispo, fôra, em toda a sua vida, a antítese do *padre ultramontano.*

Viveu no tempo do absolutismo feroz e cruento de D. Miguel de Bragança, em que era lusida a falange dos padres rancorosamente reacionários, fieis servidores da politica da fôrca e do cacête.

Em todos os tempos o poder absoluto e discricionarios, opressôr e tirano, escudou-se no clero.

O padre reacionario, o clerical é, por fôrça do seu temperamento, por indole, inclinado a fazer sofrer; possui a ferina cueldade e a hipócrisia dos antigos fariseus que fôram os sacerdotes no tempo de Cristo.

Fôram os padres dessa indole que dirigiram e executaram, com diabólico prazer, as matanças de mouros, turcos, albigenses, luteranos, judeus e cristãos novos. Fôram eles que tingiram e ensoparam no sangue das suas vitimas as páginas da História.

A inquisição é obra sua, onde a Igreja pôz—na invenção dos tormentos—toda a argúcia e subtilêsa que já havia posto na argumentação da sua casuistica.

«Os processos de *feiliceria*— diz Ramalho Ortigão— déram aos padres, durante dois séculos, ocasião de acender uma fogueira por dia.

Em 1506, em Lisboa acenderam, os frades S. Domingos, fogueiras no Rocio e nas ribeiras do Tejo e quantos cristãos novos encontravam pelas ruas da cidade eram arrastados para elas. Na praça do Rocio — na tarde de certo dia do mês de Janeiro daquele ano, fôram queimadas 300 pessoas e 200 nas fogueiras das ribeiras do Tejo, sendo as fogueiras alimentadas a um tempo por grupos de 15 ou 20 pessoas.»

«No dia imediato—diz Alexandre Herculano—a ebriedade daquele bando de canibais, não se desvaneceu com o repouso da noite... a crueldade da plebe, incitada pelos frades, revestiu-se de fórmas ainda mais hediondas. A cima de 500 pessoas tinham perecido na véspera: neste dia passaram de 1.000 Segundo o costume, ao fanatismo tinham vindo associar-se todas as ruins paixões, o ódio, a vingança covarde, a calunia, a luxuria e o roubo. As inimizades profundas acharam, no motim popular, ensejo favoravel para atrózes vinganças, e muitos cristãos velhos fôram levados às fogueiras com os neófitos judeus.

«Alguns só obtinham salvar-se mostrando, publicamente, deante dos assassinos, que não eram circuncidados. As casas dos cristãos-novos fôram acometidas. Metiam a ferro, homens, mulheres e velhos; as creanças, arrancavam-nas dos peitos das mães, e, pegando-lhes pelos pés, esmagavam-lhes o crâneo nas paredes dos aposentos. Depois saqueavam tudo. Aqui e acolá viam-se nas ruas, ala-

gadas de sangue, pilhas de 40 ou 50 cadaveres, que esperavam a sua vez nas fogueiras.

«Os templos e os altares não serviam de refúgio... Donzelas e mulheres casadas, expelidas dos santuários, eram prostituídas e depois atiradas às chamas .. Até terça-feira à tarde o numero dos mortos orçava por 2.000. A' medida que faltavam alfaias que roubar, mulheres que prostituir, sangue que beber, a multidão serenava e os filhos de S. Domingos, recolhendo-se ao seu antro, iam repousar das fadigas daquele dia.

Os cilicios, contas de prégos, disciplinas, são de origem devota.

Depois do corpo, a alma.

Pela penitencia, pelo confessionario, os padres gostam de fazer sofrer, chorar, amargurar e fazer tremer de mêdo, sobre tudo as mulheres.

Oprimir, parece ser o instinto do sacerdote.

Nas guerras civis, são os primeiros a armar-se, e a sua ferocidade eclesiastica revela-se com todo o requinte de preversidade.»

"AMAI-VOS UNS AOS OUTROS..."

Alves Martins, que viveu no tempo agitado e tormentoso das lutas civis entre D. Pedro e seu irmão D. Miguel, cértamente teve conhecimento do chamado *Batalhão Sagrado*, essa *guerrilha* de padres, que, «longe das suas Igrejas, desembaraçados dos votos, na liberdade da serra e dos caminhos, ávidos como animais soltos, de clavina ao ombro, iam levando, através das povoações—uns—a cólera bestial do seu fanatismo—outros—a violencia ani-

mal da sua sensualidade; e, todos, uma lúgrebe e temerosa opressão.

Eram temidos mais que todos os flagelos. Matavam e prendiam; e a prisão, era peior que a morte, porque éra a tortura requintada e monstruosa».

E' assim que Ramalho descreve esse célebre *Batalhão Sagrado.*

Só no curto espaço de 25 de Abril de 1828 a 31 de Julho de 1831 fôram, neste país, presos 26.270 indivíduos, 1.600 degredados, 39 executados, 5 homisiados e emigrados 13.700. Em 1833, entre os presos de S. Julião da Barra estavam 32 padres liberais.

Era tal o ódio votado à liberdade que a Curia Romana, não tendo encontrado, depois do Marquês de Pombal, quem, nos gabinêtes portuguêses, lhe fizesse frente, teve a audácia de, pela bôca do Pontifice Gregório XVI, amaldiçoar, em pleno consistório, o Governo de Portugal!

Alves Martins, conheceu *esses padres;* e a sua alma caritativa, mas altiva e nobre, num impulso de justa indignação teria, cértamente, de estigmatisá-los.

O padre bom, aquele que põe por obras de virtude o *Nôvo Mandamento* que Cristo recomendou a seus discipulos, na ultima ceia—*amai-vos uns aos outros, como eu vos amei*—esse padre, não é benquisto e antes é guerreado e vilipendiado pelo *clero católico-ultramontano!*

O Bispo de Viseu, na pureza da sua crênça religiosa, faz-me lembrar aquele bom bispo, *Monsenhor Benvindo,* que Victor Hugo retrata nos *Miseraveis.*

...«entrára um dia em Senez, antiga cidade episcopal, montado num jumento, por lhe não dar para mais a exigüidade da sua bolsa. O *maire* da cidade, recebendo à porta do paço episcopal, aquele bispo, não ocultou o seu desagrado, vendo-o apear-se de semilhante cavalgadura, e alguns burguêses que se achavam presentes, desataram a rir.

> *"Sei muito bem o que desagrada ao* sr. Maire *e aos demais presentes: parece-lhes demasiado orgulho, um pobre padre apresentar-se na cavalgadura preferida por Jesus Cristo; mas asseguro-lhes que o fiz por necessidade e não por vaidade."*

Tratando-se de caridade, não recuava nem mesmo perante uma recusa.

Conta-se que uma vez, num salão da cidade, começou de pedir para os pobres; achava-se aí o *Marquez de Champtecier,* um velho rico e avarento, *ultra-realista* e *ultra voltairiano.* O Bispo, tocando-lhe no braço disse: «Senhor Marquez: é necessário que V. Ex.ª contribua tambem com o seu óbulo». O Marquez, voltando-se, respondeu com ar de enfado:

—Tenho tambem os meus pobres, senhor Bispo.

—Nesse caso—retorquiu este—peço-lhe, senhor Marquez, me faça doação deles.

Eram de uma extraordinária singelêsa moral os seus conselhos.

—«Ser santo, (dizia) é a excepção; a regra é ser justo.»

—«Errai, desfalecei, pecai, mas sêde justos.»

—«O menor numero possivel de pecados é a lei do homem.»

—«Não pecar absolutamente, é sonho dos anjos. Tudo quanto é terrestre está sujeito a pecar. O pecado, é uma gravitação.»

—«Sêde indulgentes com as mulheres e com os pobres, sobre quem pesa essencialmente a sociedade.»

—«As faltas das mulheres, das crianças, dos sérvos, dos fracos, dos indigentes e dos ignorantes, são as faltas dos maridos, dos pais, dos amos, dos fortes, dos ricos e dos sábios.»

—«Aos ignorantes ensinai o mais que poderdes, porque a sociedade, não dando a instrução gratuita, incorre sempre em culpa e torna-se a responsavel pelas trevas que produz e assim o culpado não é propriamente o que péca, mas sim o que produziu a sombra.»

Meus senhores:

O Padre que de tal modo ensina, préga e põe por obra a verdadeira, a pura doutrina de Cristo, merece mais do que o respeito das almas bem formadas, porque se torna digno até da nossa veneração pela beleza moral das suas excelsas virtudes.

E o Bispo de Viseu, foi, póde dizer-se com desassombro, *como padre, um evangélico e caritativo prelado.*

Encaremo-lo, agora sob outro aspecto:

O Politico liberal

O Bispo, como politico, foi dos homens mais discutidos do seu tempo.

Traços da sua vida

Quando, ainda estudante, a nação debatia-se no desespero duma tremenda guerra civil.

De um lado—o *absolutismo*—do outro, os *liberais*.

O país tinha sido conduzido a esse miseravel estado, pela fuga covarde, alguns anos volvidos, de D. João VI, com a sua côrte para o Brasil, deixando-nos a braços com a miséria e com as arrogantes investidas da soldadesca de Napoleão e pelo funesto e execravel auxilio que a Inglaterra então nos veiu prestar.

Alves Martins, estudante de Coimbra ao tempo da guerra civil entre D. Pedro e D. Miguel, por índole, pelo seu temperamento, enfileirou no grupo dos estudantes liberais.

Por fôrça dos seus sentimentos, por natural inclinação da sua inteligencia, por impulso da altiva independencia do seu espirito e do justo equilibrio do seu pensamento com a razão, a sua alma de verdadeiro democrata abraçou, com denôdo, o ideal da Liberdade.

Em 17 de Março de 1828 enviavam, a *Universidade* e o *Cabido da Sé*, de Coimbra, as suas Deputações a Lisboa, a felicitarem D. Miguel, pela chegada dêste a Portugal.

Fôram aquelas Deputações surpreendidas, perto de Condeixa por um grupo de 13 estudantes, que as impediram da realisação do seu fim, tendo alguns daqueles estudantes assassinado dois lentes e ferido outras pessoas, lançando-se assim, por tão repugnante feito, mais uma indelevel nódoa de desonra nesse periodo da vida da Nação.

Nove daqueles estudantes fôram descricionariamente condenados à morte e executados a 20 de Junho do

mesmo ano apesar de nenhum deles ter atingido a maioridade.

Por virtude dêstes acontecimentos foi mandada encerrar a Universidade, por carta régia de 23 de Maio de 1828.

No começo do ano lectivo de 1829 a 1830, voltou a abrir a Universidade, sendo neste ano e no seguinte, freqüentada por um redusido numero de estudantes; e desde 1831 a 1834, voltou a estar fechado aquele estabelecimento de ensino.

O referido acontecimento de Março de 1828, a que fôra estranho o estudante Antonio Alves Martins, foi tomado como pretexto de uma mais feróz e intensa perseguição aos estudantes liberais e determinaram as *Ordens régias* de 19 de Abril e 23 de Julho de 1828, e de 28 de Março de 1829, pelas quais fôram riscados 457 estudantes da Universidade de Coimbra.

O absolutismo dominante estabelecia no país o regime do terrôr, que mais veiu sobre-excitar o espirito liberal, que, em 16 de Maio de 1828, já havia iniciado, no Porto, o movimento revolucionario.

"O HOMEM PARA ESCREVER NAS FOLHAS QUERE-SE DE OMBROS LARGOS, COMO PARA RACHAR LENHA...„

A esse tempo, Alves Martins contava 20 anos; estava no vigôr da sua mocidade.

A sua inteligencia arguta e já então alicerçada nos conhecimentos da ciencia adquiridos em aturados estudos, a sua alma aspirando sempre à conquista da liberdade, o mais sagrado dos direitos do homem e que é a dignificação

da própria natureza humana, liberdade que ele via vil, cruel e criminosamente espesinhada pelo absolutismo reacionário triunfante, fizeram que ele, *o frade*, despisse o seu hábito de professo para empunhar uma espingarda e lá foi, como soldado, para o Porto, bater-se pelo seu ideal.

Em 1826, com o patriotico intuito da defeza da Liberdade formou-se, em Coimbra, um batalhão académico, que no aviso de 23 de Julho de 1828 éra designado por *Batalhão Rebélde*. Todos esses estudantes, que o compunham fôram expulsos da Universidade e mandados sair da cidade.

Alves Martins, entrou no numero dos estudantes perseguidos pelas suas ideias liberais. Afirmam-no:

Conde de Samodães, que assim se exprime:

> "*Antonio Alves Martins, não foi só bispo, pelas peripecias da sua vida, salientou-se na política.*
>
> *Perseguido pelas suas opiniões liberais, esteve, por veses, em perigo de ser fusilado, como lhe ia acontecendo na fuga da cadeia da Portagem de Coimbra.*"

Manuel Pinheiro Chagas:

> "*Há em tudo isto tanta inexatidão, que a custo se salva o facto da prisão e fuga de Alves Martins, que se deu com efeito...*
>
> *De todos os bispos, é considerado o mais esclarecido e mais liberal.*
>
> *Depois de 1834, entrou nas lutas polítcas da Imprensa liberal. E' um distincto jornalista...*
>
> *O sr. bispo de Viseu, é o antigo sr. Alves*

Martins, que conhecemos, de trabuco ao ombro, com os dois Passos, na Junta do Porto.„

Camilo Castelo Branco diz-nos:

"Antonio Alves Martins, foi processado na Majadoria-General; preso nas cadeias de Coimbra e condenado, com mais tres companheiros na Conservatoria da Universidade, conseguindo fugir, na altura de Santo Antonio do Cantaro, o que o salvou de ser espingardeado, no Largo de Santa Cristina, na cidade de Viseu, em 1834.„

Alves Martins, pela Liberdade, sacrificou o seu bem estar, a saúde e a própria vida.

Aos 26 anos entrou, com nobre altivez, nas campanhas politicas da Imprensa, e tornou-se um panfletario e jornalista distinto.

José de Sampaio Bruno, refere-se-lhe nestes termos:

"jornalista democratico, é-me duplamente grato, projectar a luz sobre este traço da fisionomia mental e activa desse grande homem de bem que foi o bispo de Viseu. A todos nós, periodistas liberais, nos honra e nos eleva a lembrança dessa camaradagem.„

Colaborou em vários jornais do seu tempo.

Èra severo na dicção, aspérrimo, por vezes, mas prestando sempre o devido culto à Justiça. Encontrou nessas lutas da Imprensa contendores respeitaveis e argutos, mas que não o intimidaram, nem venceram na polémica.

Ramalho Ortigão, atribui a Alves Martins estas expressões:

"O homem para escrever nas folhas, querese de ombros largos, como para rachar lenha.

Na controversia do jornalismo, em que há tanta má fé, tanta misèria, e tanta porcaria envolvida no conflito das opiniões opostas, o melhor jôgo, é ainda assim o jôgo de varrer.

Por mais violencias que haja, os bons principios salvam-se sempre: os caracteres tambem. Ao passo que, na confusão da refrega, há sempre algumas lambadas felizes, que deixam arrombados, para algum tempo, pelo menos, meia duzia de malandros, que para aí, andam a empecer e a emporcalhar tudo.„

Na sua carreira jornalistica, o Bispo de Viseu encontrou, cèrtamente, daquela fauna de críticos, que tão justamente classificou com o epicteto que merecem.

Foi tambem panfletario criterioso, orador sagrado e parlamentar, revelando-se, em todos os seus trabalhos, um espirito franco, leal e esclarecido, alma de um verdadeiro beirão, votada com nobreza ao Bem, à Caridade, à Justiça e à Liberdade.

Vejamos, agora, em ligeiros traços, o que foi

O Estadista

Meus senhores:

Alves Martins foi estadista austero, duma honestidadade inviolavel. A sua situação de Ministro, em coisa alguma influiu no seu temperamento. Foi o que sempre foi:—*enérgico* e, por vezes, rude.

Diz-nos Barbosa Colen, na *Historia de Portugal,* de Manuel Pinheiro Chagas:

“*Avesso a cortezanias, à própria rainha, se tinha de lhe fazer referencia nalgum discurso, tratava-a com a mesma sencerimonia com que se dirigia aos seus ministros.„*

“*As liberdades oratórias déram-lhe desde*

logo nomeada popular que se manteve e acrescentou, quando se viu que, apezar de eclesiástico, tambem se não curvava ás pretenções de Roma e aparecia em público a verberar as exigencias papais.„

E Antonio Enes, afirma que ele

"foi um caracter fórte e uma individualidade bem acentuada .. foi toda a vida, o que exigiram que fôsse as suas convicções, o seu modo de ver e sentir, o seu temperamento.

Meteram-no no Seminário, e ele fugiu para os acampamentos; cingiram-no padre e não o desviaram da vocação de revolucionário; sagraram-no prelado e o prelado foi um estadista liberal; déram-lhe as rendas de uma opolenta diocese e ficou pobre; cercaram-no de pompas e grandesas, e não deixou de ser o homem do povo.

A sua vigorosa personalidade impunha-se, não aceitava imposições. Porque éra fórte, éra franco; e quando a cortezia se lhe afigurava tibieza ou dissimulação, dispensava-a, por importúna.

Falava no Paço com a alma á flôr da bôca e conta-se que até a Igreja lhe ouviu palavras sinceras que não soavam exatamente como o crepitar do incenso no turíbulo.„

O cérebro do Bispo de Viseu éra suficientemente possante para não pensar pela cabeça dos outros. O seu espírito esclarecido e recto, possuia aquela independencia que abertamente repele toda a imposição, parta donde partir. Proclama com desassombro a verdade e combate lealmente o êrro onde quer que o encontre.

Há um facto que bem caracterisa a independencia espiritual de Alves Martins.

Esse facto, só por si, é um traço bem marcante da

fisionomia mental do Bispo de Viseu. E' relatado por todos aqueles que escreveram àcêrca deste Bispo, tais como Antonio Enes, Ramalho Ortigão, Conde de Samodães, Camilo Castelo Branco e tantos outros.

A tal respeito, a já citada *Historia de Portugal* diz o seguinte:

> *... "rebentou de subito a noticia que o bispo de Viseu D. Antonio Alves Martins, se manifestara abertamente, em Roma, contra o poder temporal e infalibilidade papal. Romperam logo os comentários mais ou menos apaixonados e sobremaneira injustos de cértos jornais e de que se fez éco a Imprensa estrangeira.*
>
> *O Prelado Visiense fôra (em 1867) à cidade eterna, a fim de assistir às festas do centenário de S. Pedro, e, achando-se ali, recebeu aviso de que, em cérto dia, se reuniam os bispos no palácio Altéri, a fim de se lêr e assinar uma saudação a sua santidade (Pio IX). Apesar de não ter conhecimento prévio do conteúdo da mensagem, que não fôra discutida em nenhuma assembléa de prelados, foi, para que se não atribuisse à vontade de não querer firmar tal documento, a sua não comparencia. Ninguem se apresentou a receber os prelados, os quais, à medida que entravam, iam recebendo os exemplares da saudação e com eles umas instruções para que lêssem, assinassem e os não levaseem.*
>
> *O Bispo de Viseu, lendo, viu que não podia assinar um documento que continha pontos de doutrina contrários à sua opinião. Não assinou.*
>
> *Dias depois, apareceu publicada a mensagem e, entre os signatários, o seu nome.*
>
> *Este prelado deu-se prêssa em protestar por intermédio do Ministro de Portugal, contra a sua assinatura nem feita, nem autorisada."*

...“PÁGINAS SINCERAS E INCONTESTAVEIS„...

Vê-se bem que a aludida mensagem de saudação a Pio IX versava estes pontos doutrinários—o *poder temporal;* e a *infalibilidade do papa*—e que por tais doutrinas serem contrárias à opinião do Bispo de Viseu, este lhe recusou a sua assinatura; e porque viu que do seu nome se abusou, cometendo-se uma fraude, solene e altivamente contra ela lavrou o seu protesto. Não confundir este protesto contra o facto da assinatura do prelado, nem feita, nem por ele autorisada, com a reprovação ou aceitação do *dogma da Infalibilidade papal.*

Em Setembro de 1713, o papa Clemente XI, na sua bula *Unigenitus Dei Filius*, definiu que: ...«O Sumo pontifice, ainda fóra do Concilio, quando ensina, ex-catedra, aos fieis de toda a Igreja, em matéria dogmatica, ou em coisas que digam respeito à fé e aos costumes, tem a assistencia do Espirito Santo e assim não póde enganar-se, nem enganar»,

Mas só mais tarde, em 1870, esse principio dogmatico foi decretado no Concilio do Vaticano, por uma maioria de 535 prelados contra 150, sendo 88 contrarios à decretada Infalibilidade, no numero dos quais se conta o bispo de Orleans—Dupanloup—e 62 votos condicionais.

A este Concilio do Vaticano, em 1870, o Bispo de Viseu, não foi, não tendo por isso mesmo votado a favor ou contra a decretada Infalibilidade

E' cérto, porém, pelo que já referi, e pelo que ainda não há muito li, num periodico católico:

> *“o dom da Infalibilidade do papa, só em 1870 foi definido no Concilio do Vaticano, embora fôs-*

se já aceite por quási toda a Igreja, como o próva a mensagem dos bispos reunidos em Roma em 1867.„

Assim se verifica que a aludida mensagem de saudação a Pio IX, a que o Bispo de Viseu, em 1867, recusou a sua assinatura, versava estes assuntos—*poder temporal* e *Infalibilidade do Pontifice.*

E nem se compreende, se ela fôsse de simples *saudação,* embora aí aparecesse falsificada a sua assinatura, Alves Martins lavrasse, contra o acto, tão solene protesto, a ponto do caso ter levantado tão grande escarceu na imprensa do país com repercução no estrangeiro.

A verdade, porém, é que a altivez e independencia mental revelada pelo Bispo de Viseu, em semilhante protesto, foi tida, no meio católico, como motivo dum grande e culposo escandalo.

A esse tempo, em 1867, ainda o *Esbôço Biografico* do Bispo de Viseu, por Camilo Castelo Branco, não tinha sido publicado, pois aparece só em 1870 em 1.ª edição.

Não foi, pois, Camilo Castelo Branco, o insigne romancista, glória das letras pátrias, quem trouxe a público em primeira mão, como geralmente se diz, a história do sucedido em Roma, na reunião dos bispos em 1867 e o procedimento do Bispo de Viseu nessa reunião.

Contudo Camilo, no mencionado *Esbôço Biografico* do Bispo de Viseu, relata o acontecimento com a mesma firmeza e escrupulosa verdade, com que outros o relataram.

Não obstante, ainda hoje há quem se não péje de vir, publicamente, afirmar no tal periódico católico, ser pura obra de romance o que Camilo, naquele seu trabalho, diz do Bispo de Viseu:

"Camilo fantasiou um bispo de Viseu, muito diverso do que foi Alves Martins; fez da sua vida puro romance.

O celebre romancista, aproveitou a aura popular de D. Antonio Alves Martins, para aumentar a extensa galeria dos seus celebres romances, e, quiçá, os magros proventos que lhe cediam os editores.„

Isto quer simplesmente dizer que Camilo, na mira duns miseros proventos, falseou os factos da vida do Bispo de Viseu, deturpando-lhe os traços da sua fisionomia moral.

Inacreditavel e maldosamente falsa semilhante asserção.

O Bispo de Viseu foi em toda a sua vida um impoluto caracter, franco e leal, um apostolo da verdade e inimigo do êrro.

Viveu, após a publicação da referida obra de Camilo, uns largos dôse anos. Ele, que fôra sempre ciôso da honra, da honestidade do seu nome, insurgir-se-ia, por cérto, contra as falsidades que alguem, fôsse quem fôsse, viesse irreverentemente lançar sobre os actos da sua vida pública, **o que não fez** e nos é confirmado pela carta, que Camilo Castelo Branco escreveu à irmã do Bispo de Viseu, oito dias depois do falecimento deste, e que passo a lêr:

"Il.ma e Ex.ma Senhora.

Se a minha carta de pesame, é das últimas que V. Ex.a recebe, ela devia ser das primeiras se a profunda mágua e a maior saúdade se exprimissem em cartas. A morte do sr. Bispo de Viseu, a surpresa mais dolorosa da minha vida, ainda me não permite sentir o alivio da conformidade, esse balsamo santo que só aos indiferentes é concedido.

E, se eu não tenho para mim o refúgio da

resignação, de cérto, minha senhora, não poderei enviar a V. Ex.ª palavras banais com que se pretende mitigar angustias inconsolaveis.

No doloroso transe por que V. Ex.ª está passando, o alívio que as lágrimas lhe não dérem, é inutil buscá-lo em consolações alheias. A' custa de muitas noites choradas com a sua pungente saúdade, é que V. Ex.ª há-de chegar a sentir que só morrem de todo aqueles que não deixam na terra um coração onde viva a sua memória querida. O sr. Bispo, o irmão de V. Ex.ª, deixou tantas afeições neste mundo, tantos respeitos, que parece ainda viver como exemplo de probidade e um estimulo de coragem à honra dos que lha souberam admirar.

Nunca, neste país, faleceu um homem da alta esféra do sr. Bispo, que deixasse uma memória tão sem nódoas, e uma pobreza tão rica de exemplos de virtude.

Isto minha senhora, apregoado por toda a Imprensa, deve ser-lhe refrigerio no ardôr das suas aflições.

Eu, quando leio reproduzidas **as páginas sinceras e incontestáveis que, há 12 anos, escrevi** *em louvor do meu querido mestre e amigo, glorio-me de ter dado o meu testemunho de respeito, que então teve contraditores, e hoje é por todos aceite e aplaudido...„*

Não preciso lêr mais.

Esta carta é datada de 13 de Fevereiro de 1882, e é a confirmação de que nunca, o Bispo de Viseu, protestou contra os factos da sua vida pública e politica narrados por Camilo Castelo Branco, no seu *Esbôço Biografico* e nela até, o próprio Camilo, se orgulha de ter dado à publicidade esse seu trabalho de admirável sinceridade e correção.

O TESTEMUNHO CLERICAL, ENTRE OS DA VERDADE E O DOS LIBERAIS.

Apesar de tudo isto, em Fevereiro do ano findo, o já aludido periodico deu ao público este retrato do Bispo de Viseu:

—"...Homem de inteligencia mediocre em assuntos teológicos, apesar de doutorado em Teologia;

—Espirito gasto nas lutas violentas e estéreis da politica, sem vasta cultura, e mediocre panfletario;

—Frade revoltado, sem vocação para a clausura do convento;

—Homem que se deixou fascinar pelas lantijoilas do liberalismo;

—Bispo, que, pela politica, se esquecia dos seus deveres de pastor;

—Católico submisso respeitador de Roma;

—Ignorante do verdadeiro significado das palavras, pois se dele é a frâse que se refere a jesuitas. este termo não póde ter sido empregado como significando=membro da Companhia de Jesus;

—Homem que nunca abandonou a sua Ordem;

—que nunca esteve alistado em qualquer batalhão académico;

—Nunca preso, nem julgado, nem sentenciado a ser fusilado no Largo de Santa Cristina, desta cidade, ou em qualquer outra parte;

Finalmente:

—Um bispo que não merece os encomios que lhe têm sido feitos pelos liberais, que fizeram de-

le um símbolo anti-clerical—*um bispo liberal no sentido* pejurativo e maçonico *do termo.*„

E conclui :

“*Porque lhe levantaram uma estatua?*„

❊

Meus senhores:

Se é obra de misericordia=*enterrar os mortos*=desenterrá-los, é crúa impiedade e chega a ser um *sacrilegio* quando, como no caso presente, sem um vislumbre de pondunôr, sem o mais leve respeito pela Verdade, se enxovalha e cobre de ridiculo assim, a memória dum Homem, à qual, o grande tribuno e saudoso republicano, dr. Antonio José d'Almeida, em 19 de Janeiro de 1907, na Camara dos Deputados, consagrou estas palavras:

> “*Associo-me de bom grado, à manifestação com que a Camara, quer honrar a memória do grande cidadão Alves Martins.*
>
> “*O Bispo de Viseu, merece todas as consagrações. Foi um grande patriota, um grande liberal e um grande homem de bem.*
>
> “*Amou a sua pátria com aquele amôr intrinseco, fisiológico e inabalavel que é a caracteristica do sentimento beirão.*
>
> “*Para se vêr que foi liberal, além da sua acção na politica portuguêsa, basta reparar na maneira altiva, com que votou contra as regalias do papa, dando assim uma luminosa compensação à sugeição da consciencia religiosa.*
>
> “*Crente sincero na sua fé cristã, não admitia convenções que empanassem o brilho diamantino da sua crença*
>
> “*Homem de bem, foi-o, em todos os seus lances. Eu, que sou das proximidades de Viseu e na ilustre e velha cidade recolhi da tradição piedosa a impressão da filantropia do Bispo, já contei, em frâse singela, como ele, ardendo em fervores altruistas, a cada momento, se desfazia do que possuia para aliviar a pobreza das suas torturas.*

...*"Se Sampaio teve o* Espectro *famoso, clava cheia de puas, que brandiu às mãos ambas, como um atleta enraivecido e implacavel... Alves Martins teve, o que não valeu menos, o que até valeu mais, a sua organisação moral, que foi de uma beleza sedudora, ao mesmo passo que éra duma resistencia indomavel...*

"Foi o paladino sincero e convicto de uma liberdade honrada, espontanea e natural, diferente das falsas liberdades da última hora...

"Os homens valem pelo que representam relativamente à época que viveram. E, em relação à sua, o Bispo de Viseu, honradamente, liquidou os seus encargos de homem livre... Saudamos, deste lugar, a memória desse grande representante do passado, com o respeito que ele merece e o carinho a que tem direito."

A malidicencia, é do *passado,* do *presente* e será do *futuro;* é de todos os tempos.

Se os grandes vultos irradiam luz que ilumina páginas brilhantes, memoraveis e inapagaveis da História, não é menos verdade que projectam largas sombras de despeito em almas mesquinhas que se alimentam na inveja e no ódio.

"UM PADRÃO DAS GLÓRIAS LIBERAIS."

Numa época em que o fanatismo religioso, sob a acção do clericalismo, ousava, arrogante e impávido, ostentar-se a dentro dos muros desta antiga, nobre e liberal cidade de Viseu, como que zombando dos sentimentos do amor à Liberdade de tantos dos seus filhos, um grupo de admiradores das altas virtudes civicas de D. Antonio Alves Martins, pensou e levou a efeito, erguer-lhe um monumento, no largo onde esteve sentenciado a morrer fuzilado, pela sua nobilissima e altiva obstinação em sugeitar-se às ordens do absolutismo católico-imperialista.

Esse monumento, que, com entranhado amôr e carinho, ajudei a levantar, é um brado eloqùente e altiso-

nante da Liberdade contra a opressão e contra a tirania politica ou religiosa.

Nas lápides que lhe guarnecem o pedestal, ficou gravado, em largos traços, firmes e correctos o retrato moral do Bispo de Viseu:

—Honrado e austero Estadista;

—Devotado apostolo da pura doutrina Cristã;

—Franco, leal e sincero, inimigo da hipocrisia e do fanatismo beato;

—Bispo, que não consentia, na sua Diocese à exploração do próximo em nome de Deus;

—Forte na independencia do seu espírito, não permitindo que de seu nome se abusasse, fazendo-o incluir, fraudolentamente, em mensagens laudatorias aos altos poderes de Roma;

—Valoroso e destemido soldado nas lutas contra o absolutismo, que, por liberal, o condenou a ser fuzilado naquele Largo, em 1834;

—Enfermeiro do Hospital de S. José;

—Homem de Estado, que desempenhou, com nobre insenção, as funções de Ministro do Reino, nas legislaturas de 1868 e 1870;

—Caritativo, amigo do povo;

—Morrendo pobre, no paço de Fontelo, em 5 de Fevereiro de 1882.

Eis, meus senhores, o Bispo, cuja típica figura o grande escultor, Teixeira Lopes, moldou no bronze e que os liberais quizeram perpetuar numa homenagem bem sentida à sua saúdosa memória.

Está bem firme naquele monumento, que, a

um tempo, é tambem um padrão das glórias liberais desta nobre e fidalga cidade de Viseu.

Ninguem, absolutamente ninguem, poderá mudar a menor das linhas do seu possante arcaboiço. Firme e inabalavel no seu posto, parece dizer-nos aquelas suas palavras:

> *"A verdade triunfa sempre do êrro, sejam quais fôrem os meios que êste empregue para sustentar-se."*

Toda a sua vida é um vivo e inapagavel exemplo das mais altas virtudes.

Honrando e venerando-lhe a memória, damos testemunho de que nos pulsa no peito um coração de português acalentado pela fé sempre viva da Liberdade, e pela consoladora e inextinguivel esperança de um resurgimento e progresso da Pátria, tão querida de nós todos!

*

Está finda esta minha pobre e despretenciosa palestra.

O retrato que me propuz apresentar-vos, não tem, é cérto, aquele vigor de colorido e energia de traços, que, só os grandes mestres, sabem imprimir às suas obras imortais; mas, podeis acreditar, que o desenhei à luz da verdade e num recolhimento de sincera admiração e de respeito pela memória do retratado.

A' Direcção do Grémio Alberto Sampaio, os protestos do meu reconhecimento, pelo convite a vir aqui, comparticipar na comemoração da data de 18 de Fevereiro.

A V. Ex.ª, sr. Presidente, e à ilustre e seléta assistencia, a expressão da minha sincera gratidão, pela cativante e gentil generosidade, da benevolente atenção com que me escutaram.